

As intervenções de Jacques Lacan sobre a imagem inconsciente do corpo de Françoise Dolto.

Intervention of Jacques Lacan on Françoise Dolto's Unconscious Image of the Body.

ANA MARIA FLORES

RESUMO: O objetivo deste artigo é investigar a leitura que F. Dolto faz da teoria de J. Lacan para incluí-la em seus desenvolvimentos teóricos. O estudo dos seus termos conceituais permite-nos situar a derivação freudiana da interpretação do significante na psicanálise com crianças.

PALAVRAS-CHAVE: significante - sujeito - imagem - corpo - linguagem - psicanálise com crianças.

ABSTRACT: The aim of this article is to investigate F. Dolto's lecture of J. Lacan's theory to include it in her theoretical developments. A study of these conceptual terms enables us to situate the Freudian drift of the interpretation of the significant in child psychoanalysis.

KEY WORDS: significant – subject – image – body – language – child psychoanalysis.

Os psicanalistas do círculo próximo de J. Lacan, a partir de 1953, contribuíram na França e na Espanha para a difusão generalizada da psicanálise da primeira infância. Entre os analistas mais conhecidos pelas suas contribuições e publicações estão Françoise Dolto, Maud Mannoni, Rosine Lefort e Denis Vasse. O estudo destes autores, na atualidade, implica na desambiguação entre Freud e Lacan, pois surge um problema comum na leitura das histórias de casos: como se situa a operatória do significante? Desta questão emergem outras relacionadas com o material de cada caso: como interpretar o jogo, o desenho ou a modelagem na transferência? E a partir desta proposta, a ideia menina/menino prevalece sobre a definição de sujeito do inconsciente? Trata-se de uma derivação em direção a uma psicologia psicanalítica? As respostas a estas questões são o início deste trabalho, que se baseia na seguinte seção do PIC:

No que diz respeito à psicanálise com crianças, sustentamos que o sujeito nesta prática não tem idade nem lhe falta desenvolvimento. A ideia de um sujeito-criança

contradiz a nossa definição de sujeito. Recusamos qualquer ideia de evolução e de maturação.¹

Propomos um estudo da teoria de F. Dolto recriando uma dialética entre J. Lacan e a autora com contribuições teóricas de A. Eidelsztein. Uma primeira citação deste autor nos permite descrever o problema a partir de uma perspectiva o mais ampla possível das questões a abordar.

Os mestres modernos da psicanálise obtêm sua garantia da experiência porque acreditam que aquilo que experimentam é real, por isso acreditam adquirir seu saber através de anos de prática. O que não está em pauta é que a experiência pode ser imaginária. Se nos apoiamos na experiência, é porque há um ponto que não questionamos: o valor do vivido enquanto real.²

F. Dolto apoiou J. Lacan quando este começou seu ensino em 1953. Nessa época, era uma psicanalista reconhecida pela sua prática clínica e pelos seus desenvolvimentos teóricos. Além disso, exerceu uma grande influência sobre os jovens psicanalistas.

Colabora com conferências sobre sua prática clínica na noite anterior a algumas aulas do seminário de J. Lacan. O psicanalista G. Guillerault,³ que trabalhou com F. Dolto e participou da edição de suas obras, comenta que a elaboração sobre a Imagem do Inconsciente ocorreu através de três artigos publicados em 1956, 1957 e 1958, nos quais ainda não há referência ao estádio do espelho. Mais tarde, na década de 1970, a autora reelabora versões posteriores desses artigos que incluem o estádio do espelho. E conclui os seus desenvolvimentos teóricos com a publicação, em 1983, de *La Imagen Inconsciente del Cuerpo*.

A leitura da sua obra permite-nos assinalar duas questões: em primeiro lugar, a interpretação que F. Dolto faz de alguns desenvolvimentos teóricos de J. Lacan que a levam a afirmar que sua teoria se apoia em conceitos lacanianos. E, em segundo lugar, a consideração da autora de que ela trabalha com o significante de J. Lacan. E, conseqüentemente, este estudo segue as implicações desta posição teórica de F. Dolto nas intervenções de J. Lacan relacionadas com os desenvolvimentos da “Imagem Inconsciente do Corpo” nos *Seminários 2,3,4 e 11*.

¹ Eidelsztein, A. (2019). Redação do P.I.C. APOLa. Conceitos articulados. Alínea f, p. 26.

² Eidelsztein, A. (2022) *No hay sustancia corporal*. Buenos Aires: Letra Viva. p. 62.

³ Guillerault, G. (2005). *Dolto, Lacan y el estadio del espejo*. Buenos Aires: Nueva Visión. p. 98.

Conceitos-chave da teoria de F. Dolto

A autora propõe a “Imagem Inconsciente do Corpo” como uma imagem que desaparece na imagem especular, a qual se baseia nas aproximações e diferenças entre o “Esquema Corporal” e a “Imagem do Corpo” de um organismo biológico saudável ou não saudável.

“Imagem do Corpo”:

É o mediador das três instâncias psíquicas: Eu, Isso e Supereu.⁴

Construída na relação linguística com o outro, constitui o meio, a ponte da comunicação inter-humana.⁵

“Esquema Corporal”:

É a forma estruturada das pulsões que emanam do substrato biológico.⁶

Relação entre a “Imagem Corporal” e o “Esquema Corporal”:

Se o lugar, a fonte das pulsões, é o Esquema Corporal, o lugar da sua representação é a Imagem do Corpo.⁷

Uma definição habitual da teoria da “Imagem Inconsciente do Corpo” aparece numa conhecida entrevista de J.-D. Nasio a F. Dolto. Nela a autora coloca este conceito em relação com outros: o significante como jogo de palavras, a concepção de um "outro" numa comunicação inter-humana e uma referência ao “Estádio do Espelho” lido como narcisismo:

J.-D. Nasio: Como é que lhe surgiu a noção de "imagem inconsciente do corpo"?
Qual é a origem deste conceito?

F. Dolto: Esta noção resulta de um jogo de palavras dividido em três partes [...]: a primeira letra "I" do termo "Identidade" [...], o "ma", primeira sílaba da palavra "mãe" [...], o "gem", última sílaba da palavra "imagem" [...] que significa a terra, a base e inclui o corpo, e também o "eu" [...]. Portanto I-ma-gem, ou seja, substrato

⁴ Dolto, F. (1990). *La Imagen Inconsciente del Cuerpo*. Barcelona: Ediciones Paidós. p. 10.

⁵ Ibidem, p.36.

⁶ ibidem, p.33.

⁷ Ibidem, pp. 33-34.

relacional com o outro. Foi assim que nasceu este termo e assim o mencionei em um dos seminários de Lacan. Tive também que escrevê-lo em resposta a uma carta em que Lacan me perguntava: "Mas porque chamas a esta imagem: imagem inconsciente do corpo?" É preciso compreender que se trata de uma imagem que desaparece na imagem especular – resposta de Dolto. Com a imagem do espelho – a imagem conhecida de si mesmo no espelho – quase deixa de haver imagem inconsciente do corpo, exceto no sonho.⁸

F. Dolto baseia o seu avanço teórico na sua prática analítica. A leitura da sua teoria é caracterizada pelo relato de numerosas vinhetas de casos, que desdobram os significados e as interpretações baseadas no material:

Os desenhos, a efusão de cores e as formas são meios de expressão espontâneos para a maioria das crianças. Por isso, têm prazer em **"contar" o que as suas mãos traduziram dos seus fantasmas, verbalizando assim** para quem as escuta o que desenharam e modelaram.⁹

A autora estabelece uma relação entre inconsciente-corpo-linguagem. Um inconsciente no interior de um corpo biológico. E encontraremos, desde o início de sua obra, **um problema lógico em relação às verbalizações das crianças**. E consideramos que aqui F. Dolto teve a oportunidade de estudar e aceitar as propostas dos **primeiros seminários de Lacan**: sujeito, sistema de significantes – “A carta roubada”, o esquema L, Outro, A. Mas como ela resolve a questão?

Por vezes, o que eles contam não está logicamente relacionado [para o adulto] com o que o adulto acredita estar vendo [...] **tornou-se evidente para mim que as instâncias da teoria freudiana do aparelho psíquico, Eu, Isso, Supereu, podem ser localizadas em qualquer composição livre, seja ela gráfica [desenho], plástica [modelagem], etc.**¹⁰

A resposta está na dimensão deste "foi-me imposto" em sua teoria. Esta afirmação da própria F. Dolto permite-nos ver como a concepção do inconsciente de S. Freud atravessa toda a sua obra. Ele

⁸ Nasio, J-D; Dolto, F. (1992). *El niño del espejo*. Barcelona: Gedisa Editorial. pp. 14-15.

⁹ Dolto, F. (1990). *La Imagen Inconsciente del Cuerpo*. Barcelona: Ediciones Paidós. p. 9.

¹⁰ Ibidem.

tenta resolver um problema lógico com uma conceitualização baseada na imaginarização das três instâncias da segunda tópica.

Segunda tópica de Freud.



Topologia interior-exterior.

Seguindo o modelo evolucionista e biologista de S. Freud, ele fará contribuições para os estágios libidinais, como comentaremos mais tarde no *Seminário II*. No entanto, a imaginarização das instâncias freudianas lhe apresentará vários problemas de leitura:

Estas **produções da criança** são assim autênticos **fantasmas representados**, a partir das quais as estruturas do inconsciente **podem ser decifradas**. Elas só são **decifráveis como tais pelas verbalizações da criança, que antropomorfizam**, dão vida às diferentes partes dos seus desenhos [...]. Esta é a **particularidade da análise** de crianças: o que para os **adultos** é decifrado a partir das suas **associações de ideias sobre um sonho** que contaram [...].¹¹

As verbalizações da criança são decifradas como representações através de desenhos e composições plásticas. A questão é como se resolve a representação-palavra ou a representação-coisa do sistema freudiano? Deixamos esta pergunta em aberto para a intervenção do *Seminário 4* de J. Lacan.

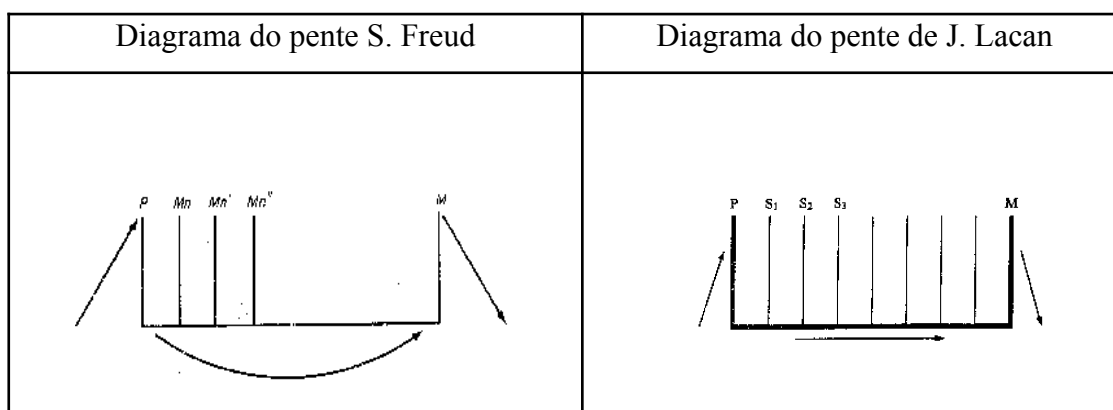
O que é que lhe permite decifrar as verbalizações infantis como se fossem associações da análise dos sonhos dos adultos? A resposta corresponde à forma como ele interpreta a teoria do significante nos seus desenvolvimentos teóricos.

No *Seminário I*,¹² J. Lacan desenvolve o esquema do pente de S.Freud,¹³ substituindo o traço mnêmico pelo significante.

¹¹ Ibidem, pp.9-10.

¹² Lacan, J. (1984): *El Seminario. Libro I*. Argentina: Paidós. p. 122.

¹³ Freud, S. (1991): *La interpretación de los sueños (II). Sobre el sueño (1900-1901)*. Buenos Aires: Amorrortu editores. p. 532.



Para contextualizar o problema, duas contribuições de A. Eidelsztein. A primeira encontra-se *no Curso de Pós-graduação: Desenvolvimentos em torno da direção da cura em psicanálise*:

Lacan propõe substituir o traço mnêmico de Freud ou a *Vorstellung* [representação] freudiana [...]. Lacan introduz o significante no lugar do traço mnêmico [...]. Pode o significante entrar entre P e M?¹⁴

Proponho ler que quando Lacan introduz o significante no Esquema do pente, ele o faz para explodir esse esquema.¹⁵ [...] Trata-se de uma manobra de leitura de Lacan, mas a questão é saber para que, por que Lacan teria lido essa direção de Freud que entrega como um presente a substituição da *Vorstellung* pelo significante, que como tal, não significa nada [...].¹⁶

A elaboração das respostas às questões colocadas por A. Eidelsztein requer mais desenvolvimentos por parte do autor. Neste artigo, limitamo-nos a mencionar sua proposta sobre a leitura que Lacan faz do Esquema do pente.

A segunda contribuição encontra-se no *Curso de Doutorado: Formalizações matemáticas em Psicanálise*:

A minha impressão é que, a partir de 1953, ele decidiu entrar na psicanálise e refundá-la a partir de dentro [...] para produzir uma outra psicanálise. [...] **não convenceu de que estava a dizer o novo, mas que estava a dizer corretamente o que Freud tinha dito**, e que os pós-freudianos tinham se desviado.

¹⁴ Eidelsztein, A. (2004): Curso de Pós-Graduação: "*Desarrollos en torno a la dirección de la cura en Psicoanálisis*". Aula n.3: 28 de maio. pp.87-89. Buenos Aires: Inédito.

¹⁵ Ibidem, p.89.

¹⁶ Ibidem, p.104.

E eu tenho a impressão de que isso, **mais o retorno a Freud sob a forma em que ele o fez – já que não foi um retorno crítico explícito, e sim um retorno crítico velado – fez com que** todos os seguidores **acreditassem** que era Freud, **que ele era Freud ao pé da letra**, por isso que os lacanianos se chamam freudianos. E consideram que há uma continuidade Freud-Lacan.¹⁷

A ideia de que J. Lacan lera Freud ao pé da letra nos permite situar como F. Dolto, ao decifrar as produções (jogo, desenho, moldagem) através das verbalizações das crianças, afirma que utiliza o significante de Lacan em seu desenvolvimento teórico. Ou seja, ela interpreta a substituição do traço pelo significante numa leitura do esquema do pente da primeira tópica de Lacan no *Seminário I*.

Pode-se destacar duas consequências teóricas dos termos **significante e sujeito** no *Seminário de psicoanálisis de niños*, de F. Dolto. A primeira diz respeito ao funcionamento do significante:

[...]Todo feto apertou o cordão com as suas mãos, ou seja, tem uma representação imaginária do cordão na palma da sua mão. **É um significante "encarnado"** [...] toda criança pode, após um certo período de vida, passar para o papel o que sentiu de forma táctil. **Desenhar já é uma metáfora táctil**, é uma transposição metafórica de uma experiência. Já é uma linguagem, mas uma linguagem táctil. É a linguagem da mão [...].¹⁸

E a segunda na forma como F. Dolto teoriza o conceito de sujeito. Encontramos uma explicação na sua resposta à pergunta de um participante (P):

P.: O que é que você entende por sujeito?

F. Dolto: Falando como psicanalista, não sei nada. Existe algo dentro do que diz "eu". Mas o "eu" da gramática não é o "eu" do inconsciente [...] ele é dinâmico, não espacial e atemporal. Sem ele, não haveria linguagem. Ele existe entre as palavras, é silêncio organizador e ordenador. Quem sonha? É o mim, é o eu? Temos de lidar com esse desconhecido que permanece desconhecido. O sujeito encarna-se nas primeiras células que vão constituir um feto [...].¹⁹

¹⁷ Eidelsztein, A. (2006): Curso de Pós-Graduação *"Formalizaciones Matematizadas en Psicoanálisis"*. Aula n.17: 1 de dezembro. p.10-11. Buenos Aires: Inédito.

¹⁸ Dolto, F. (2009). *Seminário de Psicoanálisis de niños I*. México: Siglo XXI editores. p. 139.

¹⁹ Ibidem, p.155.

Contrastar a teorização do sujeito entre F. Dolto e J. Lacan é necessário para abrir questões na psicanálise com crianças. Por isso, consideramos oportuno desenvolvimento de A. Eidelsztein no artigo *Diagnosticar el sujeto. El sujeto lacaniano*:

Quando Lacan introduz o conceito de sujeito, retifica esta concepção do inconsciente, que ele chama de "discurso do Outro". O inconsciente, que ele chama de "discurso do Outro". Sua noção de sujeito é requerida na psicanálise pela necessidade de uma instância discursiva não individual para articular o falasser [*parlêtre*], especialmente em sua dimensão particular, e ao sujeito com o qual ele se articula. Esta noção de sujeito distinguir-se-á claramente de qualquer instância intracorporal, o que lhe permitirá adquirir uma estrutura como a da linguagem, que torna inconcebível que esteja "dentro" de alguém. Tal como a linguagem, o sujeito habitará o campo do Outro.²⁰

Continuando, o estudo da leitura das intervenções de Lacan passa, por vezes, por uma comparação entre as traduções de Staferla e Paidós.

Seminário 2

Neste seminário ambas as traduções se referem a uma apresentação de F. Dolto da qual não dispomos do texto. E também diferem ao situar a aula.

Staferla: a aula é anterior à “A carta roubada”. E esclarece melhor a problemática de uma dialética inter-humana baseada em um corpo biológico. Aponta também uma relação de símbolos com elementos energéticos referentes à “Imagem Inconsciente do Corpo”:

[...] na tentativa de compreender onde se situa o essencial da dialética inter-humana, Françoise Dolto trouxe-nos a biologia. Vamos tomar a biologia por antífrase: não tem nada a ver com a biologia. É algo que cabe neste capítulo que é uma espécie de manipulação dos símbolos, e a invocação de certos elementos que são muito particularmente energéticos [...].²¹

²⁰ Eidelsztein, A. (2019). *Diagnosticar el sujeto. El sujeto lacaniano*. Artigo em Publicações: <https://www.eidelszteinalfredo.com.ar/>.

²¹ Lacan, J. *El Seminario. Libro 2*. Aula de 12 de Janeiro de 1955. p.59. Staferla: <http://staferla.free>. (Tradução pessoal).

Paidós: estabelece a aula em “A carta roubada”. E elimina a referência à dialética inter-humana relacionada com a “Imagem Inconsciente do Corpo”:

A dissertação cativante que ouviram ontem lhes apresentou aquilo que poderíamos chamar o jogo da imagem e do símbolo. O trabalho da Sra. Dolto mostra claramente que nem tudo nesta relação pode ser expresso em termos genéticos [...].²²

Uma maneira de compreender esta relação de dialética inter-humana com a imagem e o símbolo é afirmar que a representação de um **significante encarnado** apoia o material de análise com crianças na teoria da autora.

Seminário 3: aula 13 (14 de março de 1956)

As citações deste seminário correspondem à tradução de Staferla feita por N. Blasco e N. Vélez, membros da APOLa. Nesta aula, Lacan menciona uma nota que lhe foi dirigida no seminário:

Felizmente, você não está sozinho na Sociedade de Psicanálise. E há uma mulher talentosa, Françoise Dolto, que nos mostra em seus seminários a função essencial da imagem do corpo, a forma como o sujeito se apoia nele nas suas relações com o mundo. Aí encontramos essa relação substancial na qual, sem dúvida, se baseia a relação da linguagem, mas que é infinitamente mais concreta, mais sensível.²³

J. Lacan mantém uma posição ambígua com F. Dolto sem especificar as suas diferenças, mas enfatizando a existência de obstáculos na sua transmissão:

Não critico de modo algum o que Françoise Dolto ensina, porque é precisamente na medida em que ela faz uso da sua técnica, dessa apreensão extraordinária, dessa **sensibilidade imaginária do sujeito**, faz exatamente o mesmo uso – embora num terreno e em condições diferentes, pelo menos quando se dirige às crianças.. **Ela fala de tudo isto [...]. Mas isto não pode resolver a questão**, sem que se faça a seguinte observação: **que ainda há alguma coisa obscura e é isso que eu gostaria que compreendessem.**²⁴

²² Lacan, J. (1990): *El Seminario. Libro 2*. Aula “A carta roubada” XVI. p.287. Argentina: Paidós.

²³ Lacan, J.: *El Seminario. Libro 3*. Aula 13, de 14 de março de 1956. p. 215. (Tradução de Staferla Blasco, N. e Vélez, N).

²⁴ *Ibidem*.

A posição de J. Lacan abre questões sobre a transmissão da psicanálise que não abordaremos neste artigo. E termina, nesta intervenção, com uma citação tão divulgada quanto controversa:

Em outras palavras, **se eu me dispusesse de tal forma que fosse facilmente compreendido, isto é, que eles tivessem a certeza de me compreender**, mesmo pelas premissas relativas ao *discurso inter-humano*, **o mal-entendido seria irremediável, graças à forma como penso que devo abordar os problemas.**²⁵

Uma leitura que propomos, a partir desse mesmo *Seminário 3*, é a de que Lacan pretende introduzir sua teoria do significante e do sujeito sem que seja necessária uma crítica explícita a Freud. Desta forma, os seus desenvolvimentos teóricos permitem contornar mais facilmente o mal-entendido entre os participantes deste seminário:

Este caráter do significante marca de maneira absolutamente essencial tudo o que é da ordem do inconsciente: a obra de Freud com o seu enorme arsenal filológico, que está aí para jogar mesmo na intimidade dos fenômenos, é absolutamente impensável **se não se coloca em primeiro plano o predomínio, a dominância do significante em tudo o que está implicado do sujeito** nos fenômenos analíticos enquanto tais.²⁶

Seminário 4: aula 3

Neste seminário, há uma referência a uma apresentação de F. Dolto na noite anterior. Também não dispomos do texto da autora e, por isso, comentamos apenas duas intervenções de J. Lacan relacionadas com o significante e a imagem do corpo.

Primeira intervenção. Sublinhamos que, nos seus desenvolvimentos, F. Dolto sustenta uma teoria da linguagem como **primazia da linguagem** numa relação inter-humana que substitui e desloca a **primazia do significante** de J. Lacan. Os seguidores da Escola da autora sustentam críticas ao significante de J. Lacan, como descrito em várias passagens por G. Guillerault, em *Dolto y Lacan y el estadio del espejo*.²⁷

No texto **de Staferla**, Lacan questiona o uso que Dolto faz do significante; e, de forma velada, aponta que ela usa representação-coisa, representação-palavra:

²⁵ Ibidem, p.216.

²⁶ Ibidem, p.221.

²⁷ Guillerault, G. (2005). *Dolto, Lacan y el estadio del espejo*. Buenos Aires: Nueva Visión. pp. 18-21.

Mas estes objetos são, à primeira vista, se quiséssemos juntá-los, diríamos que são construções que ordenam, organizam, articulam, como dissemos, **uma certa experiência**, mas o que é bastante notável é o uso que disso faz a operadora, neste caso a Sra. Dolto: trata-se de uma maneira muito certa de uma coisa que somente se situa de início e de uma forma perfeitamente compreensível, a partir da **noção de *significante***. A Sra. Dolto utiliza-a **como um *significante***:

- é como um significante que entra em jogo no seu diálogo,
- é como um significante que representa alguma coisa.²⁸

Há diferenças em relação à tradução de **Paidós**, que propõe uma crítica de Lacan a partir do uso do signo linguístico feito por Dolto:

À primeira vista, como já foi dito, trata-se de construções que ordenam, organizam, articulam algo vivido. Mas o mais chocante é o uso que faz dessas construções – um uso que não duvidamos nem por um momento que seja eficaz – a operadora, neste caso, a senhora Dolto. Este é, sem dúvida, um fato que só pode ser situado a partir das **noções de significado e de significante**, que só podem ser compreendidas desta form. Este objeto, ou suposto objeto, esta imagem, a Sra. Dolto a utiliza como um significante. Como significante, a imagem participa no seu diálogo, como significante representa algo.²⁹

Segunda intervenção. Nesta ocasião, J. Lacan interpela o público presente no seminário. Na edição da **Paidós**, a pergunta está implícita no texto:

Surpreende-me que ninguém tenha lhe perguntado se, para além dela própria, que vê todas estas imagens do corpo, e um ou uma analista, e também se para além da sua escola, alguém mais as vê. Sem dúvida, o ponto importante é este.³⁰

Preferimos a tradução de **Staferla** porque a pergunta relaciona a criança e a “Imagem inconsciente do Corpo”:

Espanta-me que ninguém lhe tenha perguntado que, se ela vê todas estas **imagens do corpo**, há alguém além de um ou uma analista – e, mais uma vez, fora da sua

²⁸ Lacan, J. *El Seminario. Libro 4*. Aula 3, de 15 de dezembro de 1956, p.20. Staferla: <http://staferla.free>. (Tradução pessoal).

²⁹ Lacan, J. (1990). *El Seminario. Libro 4*. Aula 3. El significante y el espíritu santo. Argentina: Paidós. pp. 44-45.

³⁰ *Ibidem*, p.59.

escola – que veja na criança estes elementos e imagens? Este é o ponto importante.³¹

Encontramos um diálogo que corresponde à orientação da questão colocada anteriormente por J. Lacan. Trata-se de uma pergunta de um/uma analista dirigida a F. Dolto sobre a leitura de um desenho:

L.Zolti: Há uma parte do desenho que pode ser lida pelo terapeuta sem ter que recorrer à palavra da criança.

F. Dolto: É uma linguagem diferente da linguagem falada. O desenho é uma estrutura do corpo que a criança projeta e com a qual articula a sua relação com o mundo[...]. Em termos concretos, o desenho traz à existência a “Imagem Inconsciente do Corpo” em sua função mediadora.³²

Na sua resposta, a autora justifica a leitura do desenho como uma estrutura do corpo relacionada com as três instâncias freudianas. Ao fazê-lo, faz prevalecer a representação sobre a teoria do significante de Lacan.

Seminário 11: aula 5

A seção Perguntas e Respostas só se encontra na edição de **Paidós**. J. Lacan assinala uma diferença com F. Dolto em relação aos estágios:

Dolto: Não vejo de que maneira, **para descrever a formação da inteligência antes dos três ou quatro anos, se pode prescindir dos estágios**. Penso que para os fantasmas de defesa e do véu da castração, bem como para as ameaças de mutilação, é necessário fazer referência aos estágios.

Lacan: **A descrição dos estágios formadores da libido não deve ser referida a uma pseudo maturação natural**. Os estágios se organizam em torno da angústia de castração.³³

A partir dessa citação, interessa-nos contextualizar a pergunta de Dolto. Em primeiro lugar, é importante notar que a autora contribui para a teoria de Freud. Os estágios da libido considerados

³¹ Lacan, J. *El Seminario. Libro 4*. Aula 3, de 15 de dezembro de 1956.p.28. Staferla: <http://staferla.free>. (Tradução pessoal).

³² Nasio, J-D; Dolto, F. (1992). *El niño del espejo*. Barcelona: Gedisa Editorial. pp. 14-15

³³ Lacan, J. (1987): *El Seminario. Libro11*, aula 5, seção de perguntas e respostas. Espanha: Paidós. p.72.

evolutivos têm como destino as castrações simbólicas. E ela faz diversas contribuições para os estágios como os que ela denomina: nascimento, oral, anal, uretral, genital. Um exemplo é o caso da menina com a “boca mão” – 5/6 anos – descrito na entrevista de J. Nasio a F. Dolto:

J.-D. Nasio: Uma menina que não podia agarrar objetos com a mão.

F. Dolto: Era uma criança que já não sabia que tinha mãos, nem que as mãos eram orifícios orais e anais [...] na fase oral a criança desloca a oralidade para todas as partes, e são precisamente as mãos que, como uma boca, sabem agarrar, soltar e falar. Foi por isso que, quando lhe entreguei a massinha disse-lhe: "pode pegar com sua boca de mão" [...] se eu tivesse dito a ela para pegar no objeto, pedindo-lhe: "pega com sua mão a massa de modelar " ou "modela qualquer coisa" [...]. Estas últimas palavras teriam ficado vazias de sentido e não teriam provocado qualquer efeito. Enquanto com a frase "pega com sua boca de mão" coloquei uma boca na sua mão, como se a minha palavra fosse uma ligação entre a sua boca e a sua mão.

J.-D. Nasio: Aí nos dá um excelente exemplo da intrincação das zonas erógenas.

F. Dolto: Exatamente. A relação entre o “Esquema Corporal” e a “Imagem do corpo” é constituída por um grande número de complexidades pulsionais.³⁴

E, em segundo lugar, devemos perguntar-nos porque é que F. Dolto não pode renunciar à biologia ou aos termos evolutivos ou desenvolvimentistas na sua clínica. Há um problema que F. Dolto não resolve em sua teoria e que às vezes formula **como a criança ou como o sujeito à espera de simbolização**.³⁵ O que insiste em sua clínica? Qual é o obstáculo? A proposta inicial deste artigo nos incita a continuar a investigação sobre a influência implícita das teorias da aquisição e desenvolvimento da linguagem nas análises com crianças. E terminamos com uma citação de A. Eidelsztein sobre a ética:

O que lhes proponho é que a maneira de sustentar a posição ética da psicanálise e a diferença que a psicanálise sustenta em relação a outras disciplinas é manter a distinção entre o tridimensional e o bidimensional, que é consequência de admitir a estrutura do significante.³⁶

³⁴ Nasio, J-D; Dolto, F. (1992). *El niño del espejo*. Barcelona: Gedisa Editorial. pp. 25-26

³⁵ Dolto, F. (1990). *La Imagen Inconsciente del Cuerpo*. Barcelona: Ediciones Paidós. p. 36

³⁶ Eidelsztein, A. (2022). *No hay sustancia corporal*. Buenos Aires: Letra Viva. p.20

BIBLIOGRAFIA

1. Dolto, F. (1990). *La imagen inconsciente del cuerpo*. Barcelona: Ediciones Paidós
2. Dolto, F. (2009). *Seminario de Psicoanálisis de niños I*. México: Siglo XXI editores.
3. Eidelsztein, A. (2004): *Curso de pós-graduação "Desarrollos en torno a la dirección de la cura en Psicoanálisis"*. Buenos Aires: Inédito.
4. Eidelsztein, A. (2006): *Curso de pós-graduação "Formalizaciones matematizadas en psicoanálisis"*. Buenos Aires: Inédito.
5. Eidelsztein, A. (2019) *Redacção da P.I.C. APOLa*.
6. Eidelsztein, A. (2019). *Diagnosticar el sujeto. El sujeto lacaniano*. Artigo em Publicações: <https://www.eidelszteinalfredo.com.ar/>
7. Eidelsztein, A. (2022) *No hay sustancia corporal*. Buenos Aires: Letra Viva.
8. Freud, S. (1991): *La interpretación de los sueños (II). Sobre el sueño (1900-1901)*. Buenos Aires: Amorrortu editores.
9. Guillerault, G. (2005). *Dolto, Lacan y el estadio del espejo*. Buenos Aires: Nueva Visión.
10. Nasio, J.-D.; Dolto, F. (1992). *El niño del espejo*. Barcelona: Gedisa Editorial.
11. Lacan, J. (1984): *El Seminario*. Libro 1. Argentina: Paidós.
12. Lacan, J. *El Seminario*. Livro 2. Staferla: <http://staferla.free>.
13. Lacan, J. (1990): *El Seminario*. Libro 2. Argentina: Paidós.
14. Lacan, J. *El Seminario*. Libro 3. Tradução de Staferla Blasco, N. e Vélez, N. Inédito.
15. Lacan, J. (1990): *El Seminario*. Libro 3. Argentina: Paidós.
16. Lacan, J. *El Seminario*. Livro 4. Staferla: <http://staferla.free>.
17. Lacan, J. (1990): *El Seminario*. Libro 4. Argentina: Paidós.
18. Lacan, J. (1987): *El Seminario*. Libro 11. Espanha: Paidós.

ANA MARÍA FLORES BALANZA

Psicanalista e investigador. Membro de Apertura para Otro Lacan APOLa.

Licenciada em Psicologia pela Universidade Autónoma de Barcelona. Diploma de Terapia da Fala do Hospital de S. Pau de Barcelona. Ex-professora de terapia da fala em escolas da Catalunha. Cursos de doutoramento em Linguística Aplicada da Universidade Autónoma de Barcelona. Ex-professora do Mestrado em Terapia da Fala: perturbações da linguagem e sessões clínicas ISEP Barcelona. Licenciada em História Contemporânea pela Universidade de Barcelona. Escritor.

floresb.anamaria@gmail.com